

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# Análise documental de crônicas: reflexões sobre uma trajetória de interlocução entre literatura, linguística e ciência da informação

João Batista Ernesto de Moraes

**Como citar:** MORAES, J. B. E. Análise documental de crônicas: reflexões sobre uma trajetória de interlocução entre literatura, linguística e ciência da informação. *In:* FUGITA, M. S. L.; GUIMARÃES, J. A. C. **Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar.** Marília: Ed FUNDEPE, 2008 p.129-144



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Análise documental de crônicas: reflexões sobre uma trajetória de interlocução entre literatura, lingüística e ciência da informação

João Batista Ernesto de Moraes

## 1 A gênese

Considerando que a Ciência da Informação se articula primordialmente no trinômio produção, organização e uso da informação, tem-se a Análise Documental<sup>1</sup>, doravante referida como AD, como um recurso basilar para a organização, já que esta apresenta um conjunto de procedimentos metodológicos notadamente para a definição do conteúdo temático de documentos de modo a permitir a recuperação, o acesso e o uso da informação neles contida.

Especificamente no contexto da organização da informação, insere-se a AD no amplo espectro do denominado tratamento temático, em cujo âmbito constitui a identificação de conceitos uma de suas etapas mais complexas, seja por envolver aspectos subjetivos do analista seja, ainda, pelo fato de a Ciência da Informação vir se dedicando, mais tradicionalmente ao estudo da etapa que a sucede – a representação documental – com ênfase nas linguagens de indexação (MORAES; GUIMARÃES, 2006, p. 120).

Em sentido mais estrito, e considerando que a AD abriga, em seu bojo, e paradoxalmente, como já destacou Guimarães (2003, p. 112), etapas de análise e de síntese, pode-se dizer que os maiores esforços devem centrar-se nos procedimentos metodológicos que visam a *desconstruir* ou *decompor* o conteúdo temático do documento para que se possa, assim, posteriormente, reconstruí-lo por meio de representações documentais, como o resumo ou o índice.

---

1 O uso da expressão *análise documental* ao invés de *análise documentária* deve-se ao fato do padrão em Língua Portuguesa da derivação dos adjetivos, a partir dos substantivos terminados em *-nto* (comportamento, monumento, departamento, etc.), ser feita em *-al* (comportamental, monumental, departamental, etc.).

A Análise Documental tem por objetivos “estabelecer uma ponte entre o usuário e o documento, fornecer subsídios ao processo de disseminação da informação, e gerar produtos documentários (resumos e índices).” (GUIMARÃES, 2003, p. 104). Para tanto, e dada sua natureza disciplinar, a Análise Documental, como destaca o referido autor (p. 109), necessita recorrer ao aparato teórico de outras áreas, para que possa explicitar os próprios procedimentos.

O objetivo destas reflexões é ampliar o rol elementos que podem dialogar entre si e, mais especificamente, demonstrar a possibilidade de uma interlocução entre a Literatura, a Lingüística e a Ciência da Informação, partindo-se de um resgate de uma trajetória acadêmica pessoal, uma vez que o estudo destas temáticas, presente nesta primeira década deste século, iniciou-se há muito, ainda na época dos estudos de graduação.

Uma das maneiras de se buscar compreender um fenômeno é buscar a sua gênese. Assim, quando decidi rever a trajetória de pesquisa percorrida desde o término do doutoramento, na verdade buscava repisar o caminho percorrido na esperança de se vislumbrar os novos passos a serem dados.

Sem dúvida, não há como negar que a trajetória se inicia ainda nos tempos que a minha única preocupação eram os estudos literários, antes de qualquer contato com a Ciência da Informação, ocorrido a partir de meu ingresso no então Departamento de Biblioteconomia e Documentação.

Buscava, então, uma compreensão do que seria a crônica, seus limites e caracterizações. O fascínio por este tipo de escrita vinha exatamente de sua onipresença na imprensa escrita, mas sua ausência quase que completa do mundo acadêmico, e este parecia girar apenas em torno dos surrados temas de poesia, romance e algumas pitadas de drama.

O interesse por este tipo de texto surgiu devido ao fato da crônica estar intimamente ligada a minha formação como leitor. Meu interesse foi despertado a partir do momento que me habituei a ler diariamente as crônicas de Lourenço Diaféria, que mantinha uma coluna diária no caderno *Ilustrada*, do jornal *Folha de São Paulo*, no final da década de 1970. O que me chamava a atenção era a maneira simples e bem humorada como o autor tratava dos acontecimentos do cotidiano, temperando tudo com uma dose de lirismo.

Lembro-me bem que a inesperada saída de Lourenço Diaféria da *Folha de São Paulo* foi um episódio doloroso, pois a leituras das crônicas já estava incorporada a um dos meus rituais cotidianos. Diaféria foi substituído pelo saudoso Flávio Rangel.

No entanto, a leitura de Flávio Rangel tornou-se ainda mais excitante, pois se vivia, no começo da década de 1980, um momento fervilhante de poder-se, novamente, usar o humor para criticar abertamente o governo, seus integrantes e seus atos.

Foi também no início da década de 1980, precisamente em 1981, que comecei o curso de graduação em Letras no então Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, atual Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP, Campus de Assis.

Passando a freqüentar a biblioteca da faculdade, mergulhei de vez na leitura de crônicas. Dentre os autores contemporâneos, acredito ter lido quase todos nesse período: Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Otto Lara Rezende, Carlos Heitor Cony, Luís Fernando Veríssimo, etc.

O que continuava motivando a minha leitura ainda era a fascinação pela capacidade de extrair histórias interessantes a partir de acontecimentos aparentemente banais. Até hoje leio com prazer a série de crônicas nas quais Drummond narra o encontro de uma bolsa perdida em um ônibus; encanta-me a capacidade do autor ao explorar tão bem um acontecimento tão corriqueiro como o narrado no início do livro *A Bolsa e a Vida*.

Foi também no início da década de 1980, durante uma palestra em que se falava sobre o golpe militar de 1964, que vim a conhecer Stanislaw Ponte Preta. O interesse foi imediato, pois, naquele momento que o regime militar dava sinais de estar combalido, um crítico ferrenho do que o autor chamava de a “redentora” para se referir à pretensa “revolução” de 1964, era mais do que bem vindo. Era mesmo até necessário rir-se do “inimigo” para derrotá-lo com mais facilidade. Era a crença cega de que com um civil na presidência da república as coisas seriam melhores. Doces anos. Belas ilusões. Li quase tudo o que havia para ser lido não só de Stanislaw Ponte Preta, como também de Sérgio Porto.

Lembro-me de achar extremamente curioso o fato de não haver nenhum professor que estudasse em sala de aula os textos de Stanislaw Ponte Preta. Aliás, textos desse gênero não eram estudados em sala de aula, a não ser como subsídio para algum estudo lingüístico, não dando nenhum destaque aos seus aspectos literários.

Estando envolvido com representações teatrais, desenvolvi meu mestrado na área de teatro ainda na Unesp de Assis. Na dissertação de mestrado, intitulada *Aspectos da dramaturgia antiga e contemporânea*, fiz uma análise das peças *As Nuvens* de Aristófanes e *The Birthday Party* de Harold Pinter, tentando rastrear algum traço comum entre uma peça da comédia grega e uma das *dark comedies* de Pinter. Cheguei à conclusão que ambas carregavam em si muito do momento que as gerou, pois se em Aristófanes podíamos rir dos membros da polis que haviam, segundo o autor, se desviado da rota, em Pinter, de uma certa forma eram as nossas próprias misérias que estavam expostas e serviam de escárnio. No século XX não haveria mais lugar para um riso franco e aberto, mas apenas para um riso amarelo e nervoso.

O trabalho com o teatro foi gratificante, mas ainda não tinha abandonado de todo o projeto de trabalhar como as crônicas. Foi então que as condições se tornaram ideais para a realização desse estudo, agora em nível de doutorado na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara.

A escolha de trabalhar com as crônicas de Stanislaw Ponte Preta deveu-se ao particular interesse que as crônicas dele ainda despertavam em mim, e, de uma certa forma, representavam a continuidade de meu trabalho acadêmico, afinal de contas, Aristófanes fazia uma crítica ácida aos políticos atenienses de sua época. Além disso, a academia continua ainda passando ao largo de Stanislaw Ponte Preta, e, como se buscou demonstrar nesse estudo, há muitos elementos em sua obra que mereciam ser estudados.

Para a tese de doutoramento, foram definidos três frentes de estudo: a vida pessoal de Sérgio Porto, um estudo histórico da crônica e de como é enfocada pela análise literária e finalmente, um estudo das crônicas de Sérgio Porto publicadas como Stanislaw Ponte Preta, com o intuito de observar-se o domínio do autor de uma das ferramentas da criação literária no qual ele mais se destacou: o foco narrativo.

Como uma recomendação da banca na defesa da tese de doutoramento, iniciou o desenvolvimento de uma pesquisa com o intuito de oferecer subsídios para o desdobramento da classe B869.4 da Classificação Decimal de Dewey para a crônica.

Em reuniões com o grupo de pesquisa *Análise Documentária*, surgiu a idéia de se juntar esta pesquisa com a pesquisa da professora Maura Duarte Moreira Guarido na área de Sistemas Decimais de Classificação, uma vez que a pesquisadora atua há mais de vinte e cinco anos na área, tendo defendido sua dissertação de mestrado sobre o tema.

Para tanto, buscou-se uma interface entre a Teoria da Narrativa e os Sistemas Decimais de Classificação.

Dentre os Sistemas Decimais de Classificação, optou-se pela Classificação Decimal de Dewey, por ser a mais utilizada no país.

Desta forma, definiu-se que essa pesquisa caminharia em duas frentes:

- a. Análise dos elementos temáticos característicos do gênero literário crônica com vistas a sua hierarquização para fins classificatórios.
- b. Desdobramento da classe B869.4, objetivando-se inserir na Classificação Decimal de Dewey os resultados da fase anterior.

## 2 Os primeiros estudos

### 2.1 A caracterização do texto narrativo

Como ponto de partida, sentiu-se a necessidade de caracterizar o gênero crônica, ou antes, o que seria um texto narrativo de ficção pois, apesar do considerável número

de trabalhos voltados para a discussão de tipologias textuais, as propostas apresentadas são apenas parcialmente convergentes ou mesmo, quando se trata de definir os critérios que dão sustentação à tipologia, inteiramente divergentes.

Além disso, o debate não está restrito aos tipos, mas envolve também a questão dos gêneros textuais. Os tipos ou as categorizações são os modos básicos de organização de nossa experiência cotidiana. Neste sentido, os tipos são também um meio de determinar as condições em que se formulam as expectativas que conduzem a própria compreensão.

O tipo possui uma estruturação interna homogênea e raramente será encontrado em ‘estado puro’ nos textos de circulação social. A maioria dos autores admite, tendo em vista a natureza do texto, quatro tipos: narração, argumentação, exposição, descrição.

Por sua vez, o gênero textual é observado a partir de seu uso social, de sua realização empírica, estando estreitamente relacionado aos sujeitos enquanto produtores e receptores de texto. São exemplos de gêneros textuais: carta, bilhete, lista de compras, receita, folheto, panfleto, notícia de jornal, etc. Sua estruturação interna é essencialmente heterogênea, podendo um único gênero abarcar mais de um tipo.

Considerando que os critérios adotados pelos diferentes autores conduzem ao estabelecimento de várias tipologias, a análise textual exige que seja feita uma opção. Nesse sentido, entendeu-se que a proposta de Van Dijk (1977, 1978) é a que melhor poderia abarcar a estrutura textual, e o estudo passou a ser orientado por esse autor.

Van Dijk parte da noção de superestrutura. Para ele, as superestruturas são estruturas globais que caracterizam um tipo de texto e independem do conteúdo; é a forma do texto. São culturalmente adquiridas e tidas como esquemas formais aos quais o texto se adapta. Assim, “quando vamos produzir um texto, por exemplo, uma narrativa, temos um esquema prévio a seguir e quando vamos ler e compreender um texto, também temos o mesmo esquema que nos faz compreendê-lo como uma narrativa. Os esquemas são, pois, plasmadores cognitivos” (MARCUSCHI, 1996, p. 14).

Por sua vez, a macroestrutura diz respeito aos macroatos que o texto realiza e aos diversos modos de atualização em situações comunicativas. É o conteúdo do texto. Para Van Dijk (1980), o texto é o objeto legítimo da lingüística. Seu modelo teórico é inspirado na Gramática Gerativa Transformacional, utilizando as noções de estrutura profunda e estrutura de superfície, associadas aos processos de geração de sentidos e estruturas textuais. O seu modelo de análise: a) insere-se no quadro teórico gerativo; b) usa instrumentos conceituais e operativos da lógica; c) integra a gramática do enunciado na gramática textual.

Segundo Van Dijk (1989), subjacentes às informações lingüísticas da estrutura de superfície existem macroestruturas de organização em termos de categorias que funcionam como esquemas (frames) organizacionais armazenados na memória. Através

desse esquemas, torna-se possível a reintegração da informação nova à prévia e a reformulação de hipóteses. Constitui a forma lógica de um texto, o nível cognitivo. É o nível do conteúdo, dos aspectos semânticos, onde tema e tópico definem a representação do texto.

No nível superficial estão as microestruturas que constituem as proposições básicas do texto. Neste nível, é processada a organização da estrutura lingüística. Na relação entre as proposições se dá a coerência do texto. Por sua vez, estratégias e processos sintáticos que estabelecem relações entre essas proposições definem a coesão textual e traçam a tessitura do texto. A microestrutura, portanto, “é a estrutura local de um texto, isto é, a estrutura das orações e sua relação mútua de conexão e coerência” (FÁVERO; KOCH, 1988, p. 87).

Koch e Fávero (1987) sugerem três critérios para o estabelecimento de uma tipologia: a) dimensão pragmática (macroatos de fala e atualização em situações comunicativas); b) dimensão esquemática global (superestrutura de Van Dijk); c) dimensão lingüística de superfície (marcas sintático-semânticas). Com base nesses critérios, classificam os textos como: narrativos, descritivos, expositivos ou explicativos, argumentativos “stricto sensu”, injuntivos ou diretivos e preditivos. Para cada um desses tipos aplicam-se as dimensões pragmática, esquemática e lingüística de superfície. Considerando que, nesse trabalho, serão analisados apenas textos narrativos, serão explicitados a seguir, com base em Van Dijk e Koch e Fávero (segundo organização sugerida por essas autoras, 1987, p. 5-6), critérios de análise desse tipo textual:

Narração:

Superestrutura: Na narrativa predominam as ações. Na estrutura clássica da narrativa, a situação espacial e temporal, bem como as personagens e os contextualizadores, são introduzidos no resumo; seguem-se os acontecimentos, que envolvem a complicação, a avaliação e a resolução.

Macroestrutura: o tema envolve uma pessoa, um ser animado, ou uma coisa definida antropológicamente. Pressupõe uma idéia de ação, de mudança de estado, de transformação ou de acontecimento. A seqüência temporal é fundamental.

Dimensão lingüística de superfície: predominam relações subordinativas, com um verbo de mudança no passado e indicadores de tempo e lugar.

## 2.2 Caracterizando a crônica

Uma vez definido o entendimento do que seria um texto narrativo, buscou-se resgatar estudos preliminares sobre a crônica, com o intuito de se obter uma possível classificação.

Para tanto, partiu-se do estudo da origem da palavra crônica, que significa *tempo* (*khronos*) em grego. A sua face contemporânea está, porém, ligada a um tempo mínimo, por assim dizer. É o tempo do instante fugaz, de pequenas e grandes alegrias e tragédias do cotidiano, sem a preocupação com a fixação de grandes períodos humanos, como é comum encontrar-se em suas origens. O cronista é o narrador do tempo presente.

Por isso é que se pode afirmar que o tempo mínimo parece refletir-se bem no cotidiano das pessoas ditas comuns, do chamado “homem médio”. O dia-a-dia destas pessoas está cercado de atos, circunstâncias e acontecimentos tão banais que, justamente devido a essa simplicidade corriqueira, parecem não merecer nenhuma atenção especial nem buscam ser explicadas. Acabam sugerindo a aparência de serem completas em sua existência, não suportando nem merecendo nenhuma análise mais aprofundada. Não merecem manchetes de jornais, nem simpósios, e muito menos estudos científicos para tentar desvendar seus elementos constitutivos, sua organização interna ou seus mecanismos de funcionamento.

Entretanto, estes acontecimentos fazem parte da vida de quase todas as pessoas. Aparentemente sem nenhum encantamento especial, estes pequenos pedaços da vida, bem como seus personagens, parecem sempre estar relegados a um segundo plano, seja por parte da mídia, seja por parte dos registros históricos.

Porque esta é, ou parece ser, uma das feições da crônica contemporânea: a abordagem de temas do cotidiano, sem nenhuma pretensão, na aparência, de tentar um aprofundamento de temas, mantendo sempre um certo tom coloquial, uma aparência de conversa.

Partindo do lirismo mais exacerbado ao humor mais *escrachado*, da indignação mais raivosa ao mais puro sentimentalismo, tudo temperado com elementos do cotidiano, ou a partir deles, a crônica é capaz de preservar-se da corrosão temporal, diferentemente do seu principal meio de manifestação, o jornal.

Seria realmente tentador adotar o mesmo critério de classificação do emérito cronista Fernando Sabino e dizer que a crônica é tudo aquilo que o autor chamar de crônica. Porém, este trânsito entre o cotidiano e a literariedade, aqui funcionando como um injetor de perenidade, objetivamente dá à luz a um gênero literário. Como classificar exatamente este mosaico, esta verdadeira colcha de retalhos de estilos, de motivos e de formas de expressão?

Em nossa tese de doutoramento (MORAES, 1999) encerramos o capítulo sobre a crônica exatamente neste ponto, ou seja, na classificação, após ter descrito a origem do gênero no Brasil e na Europa. Não nos interessava, naquele momento, desviar nosso foco principal que era a análise das crônicas de Stanislaw Ponte Preta.

Naquela ocasião, comentávamos que pode se encontrada em Coutinho (1976, p. 80) uma tentativa de classificação baseada na natureza dos assuntos ou pelo movimento interno.

Assim temos, a) a crônica narrativa, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto [...]; b) a crônica metafísica, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens, como é o caso de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou discretear filosoficamente; c) a crônica-poema em prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Manuel Bandeira, Ledo Ivo; a crônica-comentário dos acontecimentos que tem, no dizer de Eugênio Gomes, o aspecto de um 'bazar asiático', acumulando muita coisa diferente o díspar, como são muitas coisas de Alencar, Machado e outros.

Há, entretanto que se fazer alguns reparos a respeito da classificação proposta por Coutinho. A última categoria (*crônica-comentário*) pode também englobar as duas categorias iniciais: em menor grau a primeira (*crônica narrativa*) e quase totalmente a segunda (*crônica metafísica*).

A *crônica narrativa* parece não se distanciar muito da *crônica-comentário* uma vez que, na maioria dos casos há naquela uma intenção, ela apresenta sempre um comentário implícito por trás da narrativa.

Quando Coutinho se refere a crônicas com reflexões "mais ou menos filosóficas", ao definir a categoria *crônica metafísica*, acaba por oferecer uma "não-definição", uma vez que a falta de precisão na expressão "mais ou menos" deixa em aberto uma grande possibilidade de inclusão desta categoria em uma mais ampla, a *crônica-comentário*, que por ser abrangente, pode perfeitamente incluir a primeira definição.

Deve-se notar ainda que Coutinho não faz nenhuma menção às crônicas que possuem como característica o humor, seja ele descompromissado ou com objetivo de sátira política, como uma das possibilidades do gênero. Pode-se até tentar encaixá-las dentro das categorias de *crônica narrativa* ou *crônica-comentário*. Porém, a sátira política vai um pouco além de um simples comentário. Seu objetivo é antes uma tentativa de moralização dos costumes, uma de suas características. Em todo caso, Coutinho não explica o humor presente nas crônicas e do qual ele não faz menção de registrar nem mesmo a existência.

## 2.3 Proposta de metodologia: percurso temático e percurso figurativo

Considerando a carência de ferramentas para a análise de textos narrativos de ficção, buscou-se na semântica discursiva elementos que pudessem servir de ponto de partida.

Para a semântica discursiva, alguns textos apresentam grande número de termos abstratos, que são termos que não representam coisas presentes no mundo material; e também há textos que apresentam grande número de termos concretos, termos que representam coisas presentes no mundo material. Os textos que apresentam maior número de termos abstratos são chamados *temáticos*, e os textos que apresentam maior número de termos concretos são chamados *figurativos*.

Fiorin (1991) parte do pressuposto que figuras são todas as coisas existentes no mundo e podendo ser substantivos, verbos, adjetivos etc. Já os temas são termos que expressam algo existente no mundo natural, mas estes por sua vez organizam, caracterizam, ordenam as funções percebidas pelos sentidos no mundo.

O autor afirma ainda que “é preciso ter bem presente que uma figura não tem significado em si mesma. Isoladamente, ela pode sugerir idéias muito variadas e noções muito imprecisas. Seu sentido nasce do encadeamento com outras figuras” (FIORIN, 1991, p. 79). Vê-se que as figuras em si não denotam algo, mas quando analisadas como um encadeamento de figuras, passam a ter sentido no campo das idéias. Há que se perceber as relações figurativas que se enquadram na rede arquitetada pelo texto.

Na formação das idéias expostas em figuras busca-se a coerência entre elas para a formação de um todo no texto, assim as figuras, apesar das oscilações possíveis dos seus significados, estão articuladas no interior de um texto estruturado, e, num texto, os significados são solidários. Desse modo, as múltiplas significações possíveis de uma figura isolada estão sob controle de um contexto, no qual se encaixam com coerência apenas algumas dessas possibilidades significativas. Em vista disso a apreensão dos temas subjacentes a um texto figurativo só é possível a partir de um confronto cuidadoso das figuras que se articulam e se encadeiam no interior dele, formando uma rede (FIORIN, 1991, p. 80).

Alertando sobre a necessidade de o leitor ficar atento quanto ao encadeamento das idéias, Fiorin (1991, p. 87) diz que, “o entendimento de um texto dessa natureza requer do leitor a capacidade de enquadrar todos os temas disseminados ao longo do texto e englobá-los dentro de um tema geral que sintetize de maneira ampla todo o conjunto.”

Desse modo, o entendimento do contexto depende da relação que o leitor obteve com os temas, com o Percurso Temático alcançado, da relação entre o conjunto de temas alcançados, englobando esses em um tema central, desta forma, justificando todo o con-

junto de temas em si, ou seja, seguindo uma ordem lógica. O que na verdade vai garantir a apreensão dos temas será o conjunto de temas concatenados no interior das crônicas.

Da mesma forma que com que as figuras se encadeiam de modo coerente, os temas também o fazem, para que haja uma harmonia no texto. A quebra de coerência interna na rede de temas ou mesmo nas figuras pode tornar o texto inverossímil ou podem surgir novos significados na hora da interpretação, assim afirma Fiorin (1991, p. 79): “Como se sabe, num texto tudo é relação. Por isso encontrar o sentido de conjunto de figuras encadeadas é achar o tema que está subjacente a elas.”

Contudo, as figuras encadeiam-se de uma forma conectiva umas com as outras, sempre jogando dados concretos do mundo natural e, por meio destes, revelam-se os temas, ou seja, significados mais abstratos, termos que organizam estas figuras.

Visando a propiciar um espaço de experimentação para tais idéias, procedeu-se a uma análise, cujo corpus constituiu-se pelas crônicas publicadas no primeiro semestre de 2003, nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, dos autores Mário Prata, Luis Fernando Verissimo, João Ubaldo Ribeiro e Carlos Heytor Cony.

Em princípio, procedeu-se ao levantamento de temas e figuras presentes em cada texto. Terminado o processo de levantamento de temas e figuras, procedeu-se à construção do percurso temático e do percurso figurativo para o levantamento de temas.

Como dito anteriormente, as figuras e os temas individualmente não possuem representatividade, a não ser a partir do momento em que se faz uma ligação entre todos eles, com o intuito de verificar como funcionam no texto, levando-se em conta a questão da isotopia como elemento amalgamador de sentidos. Segundo Greimas e Courtés (1986, p. 247), “a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite elidir ambigüidades.” Pode-se dizer, portanto, que levantar isotopias é identificar as continuidades semânticas que tornam o texto lido num conjunto coerente.

Quanto aos temas, obteve-se a seguinte possibilidade de classificação.

- **Narrativa Pessoal** – apresenta historietas do cotidiano, geralmente tendo como personagem o próprio cronista.
- **Narrativa dos Outros** – apresenta historietas do cotidiano, geralmente tendo como personagem outros personagens que não o cronista. Geralmente, apresentam tipos do cotidiano, que se destacam na multidão, ou tipos que ficaram marcados na memória.
- **Reflexões** – são considerações sobre alguns aspectos do cotidiano, eventualmente sobre as instituições governamentais.

- **Poesias** – colocou-se esta categoria principalmente em função do cronista Luis Fernando Verissimo e sua série *Poesia numa hora dessas?*
- **Comportamento** – análises sobre comportamentos humanos, refletidos no cotidiano, sobre alteração ou manutenção de hábitos.

Deve-se ressaltar que as categorias acima descritas representam alguns aspectos que predominam no texto, nunca podendo falar-se em exclusividade, uma vez que não é raro encontrar-se mais de um elemento nas crônicas.

Quanto ao desdobramento, a partir da análise obteve-se o seguinte resultado:

#### B 869.4 **Crônicas, ensaios, outros tópicos especiais**

##### B 869.41 **Poesia**

Classificar aqui poesias publicadas em seções de crônicas

##### B 869.421 **Narrativa pessoal**

Classificar aqui historietas do cotidiano, geralmente tendo como personagem o próprio cronista

##### B 869.421 **Narrativa dos outros**

Classificar aqui historietas do cotidiano, geralmente tendo como personagens outros que não os cronistas

##### B 869.43 **Reflexões**

Classificar aqui considerações sobre alguns aspectos do cotidiano eventualmente sobre instituições sociais ou políticas

##### B 869.44 **Comportamento**

Classificar aqui análises sobre comportamentos humanos, refletidos no cotidiano, sobre alteração ou manutenção de hábitos

## Conclusão

Os pontos principais desta pesquisa não se limitaram apenas à proposta de desdobramento da classe B869.4 da Classificação Decimal de Dewey para a crônica. Antes, este estudo serviu como ponto de partida para o que se propusesse uma metodologia para o levantamento de temas de textos narrativos de ficção, através da utilização de elementos da semântica discursiva.

Gardin (GARDIN et al., 1981, p. 29) define a AD enquanto “conjunto de **procedimentos** efetuados com a finalidade de expressar o **conteúdo dos documentos científicos**, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação” (Grifos nossos).

Na definição gardiniana, observam-se, em grifo, os três pontos que embasam sua concepção: o objetivo imediato (a busca por procedimentos), o objetivo mediato (a identificação do conteúdo) e o objeto (documentos científicos).

Ressalte-se, outrossim, que essa ênfase no documento científico como o paradigma documental para o tratamento de conteúdo se encontra amplamente difundida na tradição da Biblioteconomia, da Documentação e da Ciência da Informação fornecendo o substrato para o delineamento de seus procedimentos técnicos. Nesse contexto, não apenas a tradição gardiniana de AD mas também os estudos de classificação e de indexação têm voltado historicamente suas atenções primordiais para o texto científico, concebendo-o como paradigma de suporte de informação.

Contudo, deve-se assinalar que as concepções de Gardin (1973) quanto ao uso de aportes lingüísticos para o resgate do conteúdo documental podem ir além da concepção original por ele proposta, limitada ao texto científico.

Não se pode esquecer que as idéias de Gardin floresceram em um momento em que o crescimento científico, a explosão informacional do pós-guerra e, por conseqüência, o espectro das bibliotecas especializadas (tal como na tradição norte-americana) e dos centros de documentação (como na tradição francesa) estavam a pleno vapor.

Desse modo, o aporte da Lingüística para a AD pode ir, como já afirmado, além dos limites do texto científico, pois os estudos lingüísticos buscam abarcar toda a diversidade de textos (que, no contexto da Ciência da Informação, monumentalizam-se como documentos) com o intuito do estabelecimento de princípios gerais.

Com efeito, o documento que é objeto da AD, notadamente em bibliotecas, não é apenas o documento científico, pois em algumas dessas unidades de informação, tais como Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares, o texto narrativo é objeto de especial atenção, seja no desenvolvimento de coleções, seja na organização das mesmas para atender ao usuário. Transcendendo essa ambiência, registram-se, também, as Bibliotecas Universitárias, notadamente da área de Letras, as quais abrigam um grande acervo de textos narrativos que, por sua vez, necessita ser precisa e objetivamente tratado como suporte ao ensino e à pesquisa em seus cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Porém, no momento em que a “matéria prima” da AD consiste em textos narrativos de ficção, a complexidade aumenta consideravelmente, pois o modelo metodológico de identificação de conceitos elaborado para textos científicos, pautado na leitura documental de partes canônicas do texto, tais como título, subtítulo, resumo, etc. (CHAU-

MIER, 1988), não se aplica a textos narrativos, na medida em que estes assumem outras formas de evidenciar seu conteúdo.

Desta forma, demonstrou-se a necessidade de investigar, a título de contribuição para o universo teórico-metodológico da Ciência da Informação, as possibilidades metodológicas para fazer frente à AD de textos narrativos de ficção. Para tanto, se delineou a presente proposta de utilização teórica da Semântica Discursiva com o intuito de se chegar a elementos metodológicos que possam contribuir para a identificação de conceitos no contexto de AD em textos narrativos.

Nesse sentido, registra-se uma trajetória de pesquisa em desenvolvimento notadamente nos últimos quatro anos, no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, em que nos tem sido possível pesquisar aspectos relativos à interface Linguística / Análise documental em textos narrativos de ficção (MORAES, 2005; GUIMARÃES; MORAES; NASCIMENTO, 2004; MORAES; FUJITA; PEDRINI, 2005; MORAES; GUIMARÃES, 2006, 2007), bem como ministrar aulas, seja em nível de Graduação, no âmbito específico da disciplina *Linguística e Documentação*, que se propõe a discutir as interfaces entre a Linguística e a Documentação, e atua de forma integrada com as disciplinas *Lógica e Documentação* e *Análise Documentária*; seja em nível de Pós-Graduação, notadamente nas disciplinas *Do texto ao documento: elementos instrumentais em Análise Documentária* e *Os textos literários no tempo e no espaço: perspectivas metodológicas na Análise Documental de Conteúdo*, que buscam contribuir para a discussão dos aspectos teóricos e práticos dos elementos textuais e documentais.

Como decorrência, registra-se, ainda, um conjunto de orientações acadêmicas de diferentes naturezas, buscando aquilatar a dimensão metodológica da análise documental especificamente em questões relativas a textos narrativos de ficção: Literatura de Cordel (GUEDES, 2006), Contos Espíritos (DAMAZO, 2006), crônicas de Plínio Marcos (PEDRINI, 2007), contos infantis (ALVES, 2006), contos de Carlos Drummond de Andrade (ANTONIO, 2006), bem como sobre o conceito de *aboutness* (GUEDES, 2007).

Enriquecendo ainda mais a discussão, ainda foram conduzidos estudos sobre *música*: letras de música Rap (SILVA, 2001), letras de músicas de Chico Buarque (ZAMBRANO, 2006); sobre *audiovisuais*: livros de orientação sexual para crianças (SILVA, 2002), histórias em quadrinhos (SOUZA, 2003), propagandas televisivas (MIASSI, 2005); além de *reflexões teóricas*: a tematicidade no âmbito da Análise Documental (GUEDES, 2007), e análise da aplicação do método (LARA, 2007).

Estas orientações evidenciam a pertinência e o caráter promissor dessa linha investigativa, para que se possa construir uma base teórico-metodológica que dê conta da questão em sua amplitude.

## Referências

- ALVES, R. C. V. **Análise do percurso temático e do percurso figurativo em literatura infanto-juvenil para identificação de temas**. Início: 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- ANTONIO, D. M. **Análise do percurso temático e do percurso figurativo para identificação de temas em contos**. Início: 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 21, n. 1/2, p. 63-79, jan./jun. 1988.
- COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- DAMAZO, A. C. **Análise de assunto de conto espírita por meio do percurso figurativo e do percurso temático**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- FÁVERO, L.; KOCH, I. **Lingüística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1988.
- FIORIN, J.L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1991.
- GARDIN, J.-C. Document analysis and linguistics. **Journal of Documentation**, London, v. 29, n.2, p. 137-168, 1973.
- GARDIN, J.-C. et al. **La logique du plausible**: essais d'épistemologie pratique. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'Homme, 1981.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- GUEDES, E. G. F. **Análise do percurso temático e figurativo na obra de Leandro Gomes de Barros**: proposição de termos para recuperação das obras de literatura de cordel. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- GUEDES, E. G. F. **Estudo da tematicidade no âmbito da Análise Documentária**. Início: 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- GUIMARÃES, J. A. C. A análise documental no âmbito do tratamento da informação: elementos históricos e conceituais. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Org.). **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 100-118.

- GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; NASCIMENTO, L. M. B. A diplomática como perspectiva metodológica para o tratamento de conteúdo de documentos técnicos. In: VALENTIM, M. L. P. **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 135-160.
- KOCH, I.; FÁVERO, L. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras e Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.
- LARA, L. M. de. **A análise documentária sob a perspectiva do percurso gerativo de sentido**: análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Biblioteconomia. Início: 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. PET - MEC - SESu.
- MARCUSCHI, L. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife: UFPE, 1996.
- MIASSI, T. S. **A semântica discursiva das propagandas televisivas**: o uso do percurso temático e percurso figurativo na elaboração de temas. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.
- MORAES, J. B. E. **Aspectos da dramaturgia antiga e contemporânea**. 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1990.
- MORAES, J. B. E. **Um narrador irrequieto e o riso do Crioulo Doido**: uma análise das crônicas de Stanislaw Ponte Preta. 1999. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.
- MORAES, J. B. E. **Análise dos elementos temáticos característicos do gênero literário crônica com vistas a sua hierarquização para fins classificatórios**. Marília, 2005. Relatório Trienal de Pesquisa (2002-2004) apresentado como parte das exigências de R.D.I.D.P.
- MORAES, J. B. E.; FUJITA, M. S. L.; PEDRINI, I. A. D. **O tema na narrativa ficcional**: uma abordagem cognitivista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais ...** Florianópolis: UFSC, 2005. p. 45-54.
- MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J. A. C. Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos: en busca del diálogo entre las concepciones de *aboutness/meaning* y de *recorrido temático/recorrido figurativo*. **Scire**, Zaragoza, v. 12, p. 120-135, 2006.

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J. A. C. ; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. In: GARCÍA MARCO, Francisco Javier (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación en entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-100.

PEDRINI, I. A. D. **Condensação documentária de crônicas**: proposta metodológica. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SILVA, L. S. **Os mano pô as mina pá**: uma possibilidade de transposição de análise do discurso para estudo de comunidades a partir da experiência com o Rap no presídio de Marília. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

SILVA, P. B. **Orientação sexual em obras para crianças**: análise comparativa das informações através da análise do discurso. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002.

SOUZA, J. F. P. **O uso do percurso temático e do percurso figurativo nas histórias em quadrinhos para estabelecimento da tematicidade**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

VAN DIJK, T. **Text and context**: explorations in semantics and pragmatics of discourse. London: Longman, 1977.

VAN DIJK, T. **The Porto Rico lectures on the structures and functions of discourse**. Amsterdam: Van Gorcum, 1978.

VAN DIJK, T. **Macrostructures**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1980.

VAN DIJK, T. **La ciencia del texto**. Barcelona: Paidós, 1989.

ZAMBRANO, N. R. **Análise do percurso temático e figurativo nas músicas de Chico Buarque no período de 1968 a 1978**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.